



## A LITERATURA DA EUROPA SETENTRIONAL NOS SÉCULOS IX AO XII E SNORRI STURLUSON

Flávio Guadagnucci Palamin<sup>1</sup>

**RESUMO:** Marcada por formas elaboradas e regras rígidas, a literatura escáldica é, até hoje, uma das fontes mais importantes para o estudo da religiosidade dos povos da Europa Setentrional, durante e antes do período de seu ápice (séculos IX ao XIII). Nesta pesquisa, tratamos das formas e temas abordados nessa literatura assim como suas mudanças ao longo do período. Tal recorte seguiu os objetivos de compreender a religiosidade desses povos. Nossas análises terão foco na *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson, dada sua importância histórica e sua temática mitológica.

**PALAVRAS-CHAVE** Edda em Prosa; Europa Setentrional; Literatura.

### 1 INTRODUÇÃO

Uma questão essencial para o estudo da literatura da Europa Setentrional se encontra em sua tradição oral, a qual teve seu período de maior produção de narrativas, na Escandinávia, de 875 a 1100. A escrita latina só seria aderida em 1100 e no ano de 1150 tendo sido iniciado a produção de manuscritos (BELLOWS, 2004, p. xxi). Langer (2006) discute a questão dizendo que tal tradição oral fora propagada pelos escaldos (poetas escandinavos) a partir de repetições das narrativas, cantos e poemas apresentadas a platéias, onde tal repetição se daria mais pela utilização de formas e temas do que pela memorização. Não devemos, contudo, considerar esse período de tradição oral como puro, livre da parcialidade do escaldo, onde tal seria tido como alguém analfabeto e “funcionando” apenas com seu público, em uma suposta oposição ao posterior período da predominância da escrita latina, em que ele já seria altamente intelectualizado e racionalista.” (LANGER, 2006, p. 57). Tanto a tradição oral quanto a escrita estão sujeitas às influências de seu contexto social.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

Em 1221 d.C., Snorri Sturluson escreveu a “Edda”. Este livro foi dividido em três seções; O *Gylfaginning*, que contem um apanhado de informações acerca dos relatos míticos encontrados pelo autor; O *Skáldskaparmál* e o *Háttatal*, ambos contendo as diferentes formas que o poeta nórdico (escaldo) poderia utilizar-se para compor suas poesias. Desse modo, a Edda teria o propósito de elucidar sobre os episódios e

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá - UEM.  
[hyogacygnus@hotmail.com](mailto:hyogacygnus@hotmail.com)

características dos seres míticos, para a utilização do escaldo e de que modo esse escaldo poderia exprimir tais conteúdos.

O manuscrito Codex Regius, base da Edda Poética, conta com 29 poemas. À Edda Poética como conhecemos hoje foram acrescentados 4 poemas. Todos os poemas são de autoria anônima, escritos entre os séculos X e XII. Entretanto, a ambientação desses poemas remontam aos séculos IX e X, período em que a Islândia enfrentava um proto-letramento, um período de tradição oral, em que os poemas e, por conseguinte, as tradições míticas, não eram escritas, ocasionando certas alterações, ocorridas nas apresentações de escaldo para escaldo, até sua conservação em manuscritos.

O período que estudamos é o da chamada Era Viking, que *teve início antes de 800 d.C. e estendeu-se por mais de dois séculos* (BRONSTED, 2004, p.9), durante esse período se deu a expansão do território viking e o conhecimento de sua existência à outras culturas. Formados por variadas tribos vindas principalmente da Escandinávia, os vikings tinham em comum suas crenças religiosas. (BRONSTED, 2004, p.247). Tendo mostrado em que pesquisa o presente artigo se encontra, passemos à literatura da Europa Setentrional.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vimos um pouco sobre algumas das formas e temas presentes em algumas das formas literárias da Europa Setentrional. Veremos agora de que maneira esse assunto é tratado na Edda em Prosa. Em *Gylfaginning*, a primeira parte da Edda em Prosa, é contada a viagem do rei Gylfi à Asgard, a morada dos deuses, onde, por meio de um diálogo entre Gylfi e os deuses nórdicos, Sturluson nos apresenta um apanhado de informações sobre o surgimento do mundo e dos deuses. A segunda parte da Edda em Prosa, *Skáldskaparmál*, “Dicção Poética”, é apresentado sob a forma de diálogo sobre a arte poética entre o habilidoso mago Ægir (que como o rei Gylfi parte para Asgard) e o deus Bragi. Um dos objetivos de *Skáldskaparmál* é apresentar os sinônimos e metáforas (*heiti e kenningar*) característicos da arte poética.

De modo que o escaldo deveria usar esses sinônimos e metáforas em sua poesia, ao se referir à Odin, por exemplo, poderia chamá-lo de “o senhor das forcas” ou “senhor da Lança” (devido ao mito citado anteriormente onde o deus se enforca transpassado por sua lança). Sturluson da continuidade citando diversos escaldos islandeses e noruegueses, mostrando de que maneira esses utilizam as metáforas e sinonimos. Finalmente, na ultima parte da Edda em Prosa, *Háttatal*, “Lista de Métricas”, “é composto de 102 estrofes, redigidas em cem métricas diferentes com o objetivo de exemplificar a grande variedade dos versos correntes. Essas estrofes são acompanhadas de comentários que evidenciam as características individuais de cada forma métrica.” (BOULHOSA, 2004, p.16). Apesar de haver diferenças entre a sistematização da linguagem poética encontrada em apresentada no início de *Háttatal* daquela encontrada em *Skáldskaparmál*, existe a hipótese de que essa diferença pode ser explicada nos vários anos que Snorri Sturluson teria levado para concluir sua obra (BOULHOSA, 2004, p.16).

Uma característica da obra, muito debatida entre pesquisadores, é a relação do cristianismo - e o início do letramento - com as Eddas. São identificadas em algumas passagens, tanto na Edda poética quanto na em prosa, modelos cristãos nos mitos. Além de não serem maioria, essas passagens também não apresentam um avanço da religião cristã, e sim somente um sinal de que ela estava presente. Explicando melhor, assim como afirma Berg (apud LANGER, 2006, p.49), existem diferenças entre a linguagem poética (que seria um discurso individualizado) e a linguagem mítica (que seria produto de uma coletividade) nas fontes *eddicas*. Desse modo, as relações existentes com o cristianismo nos poemas *eddicos*, podem exprimir somente um novo recurso artístico ao

poeta, e não uma mudança na forma da religiosidade desse povo. O que ocorria era que na era Viking, em particular, o cristianismo era certamente uma fonte de inspiração para os poetas, que eram os guardiões dos mitos nórdicos (SORENSEN, apud LANGER, 2006, p. 60). Nesse caso, há de se considerar o que foi dito por Eliade, que apesar de reinterpretadas, não significa, evidentemente, que essas Grandes Mitologias tenham perdido sua “substancia mítica” e que não passem de “literatura”. (ELIADE, 1992, p.10). No tocante à nossa pesquisa, não desconsideramos os aspectos apresentados da influência cristã, mas optamos por trabalhar com essas fontes da maneira proposta tanto por Sorensen quanto Eliade, em que consideramos as inserções cristãs, presentes em alguns mitos, como recursos literários que não influenciam na essência dos mitos. “A visão corrente é que a poesia eddica, aliada aos mais antigos versos da poesia “escáldica” do século IX, proporcionam a melhor “pista” sobre o pensamento religioso dos antigos escandinavos” (DRONKE, 1992, apud BOULHOSA, 2004, p.5)

#### 4 CONCLUSÃO

“A literatura é um sistema de signos, um código, análogo aos outros sistemas significativos, tais como a língua articulada, as artes, as mitologias, as representações oníricas etc.” (TODOROV, 2008, p.32). Sendo considerado o objetivo de Sturluson, na *Edda em Prosa*, de manter vivas as tradições orais da religiosidade nórdica e a apresentação das possíveis métricas que o escaldado poderia usar, podemos relacionar a teoria de Todorov no tocante da diferença dos sistemas significativos, apresentados anteriormente, com a literatura: a forma. “A literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da Linguagem.” (VALÉRY, apud TODOROV, 200a, p.53). “A linguagem é aí definida como matéria do poeta ou da obra” (TODOROV, 2008, p.54). Ou seja, antes de tudo devemos considerar as Eddas como outra forma, talvez mais racionalizada, de conservar tanto a religiosidade daquele povo, quanto a arte da poesia do escáldica.

#### REFERÊNCIAS

BOULHOSA, Patrícia Pires. **Breves Observações Sobre Edda em Prosa**. *Brathair* 4 (1), 2004: 13-18. (<http://www.brathair.com>).

BRONSTED, Johannes. **Os Vikings: História de uma Fascinante Civilização**. São Paulo, Hemus, 2004.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

LANGER, Johnni. **Religião e Magia entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica**. *Brathair* 5 (2), 2006: 55-82. (<http://www.brathair.com>).

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008

**The Poetic Edda: The Mythological Poems**. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004.